

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

A ABERTURA ECONÔMICA DOS ANOS 1990 E O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO
PRODUTIVAE SUAS REPERCUSSÕES NO SETOR INDUSTRIAL DO OE

Maria Terezinha Serafim Gomes (Universidade de Sao Paulo)

A Abertura Econômica dos Anos 1990 e o Processo de Reestruturação Produtiva e Suas Repercussões no Setor Industrial do Oeste Paulista

Resumo

No Brasil, nos anos 1990, a política de abertura econômica, inspirada no neoliberalismo provocou a desintegração/desarticulação do setor produtivo. Isso implicou em transformações industriais no processo produtivo, na gestão e organização do trabalho, nas relações entre empresas, no mercado de trabalho, nas relações de trabalho e na dinâmica espacial. Nesse contexto, a abertura comercial também atingiu as empresas de capital local, das cidades médias da região Oeste Paulista, essas empresas não conseguindo manter-se no mercado tiveram que fechar seus estabelecimentos, ou se reestruturar e modernizar sua produção ou ainda foram adquiridas por empresas de grande porte ou grupos estrangeiros. Dessa forma, a abertura econômica foi o *leitmotiv* para as empresas entrarem num processo de reestruturação. Este trabalho tem como objetivo mostrar a repercussão da abertura econômica dos anos 1990, o processo de reestruturação produtiva e suas implicações para o setor industrial em algumas cidades médias do Oeste Paulista (Araçatuba, Birigui, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto).

A Abertura Econômica dos Anos 1990 e o Processo de Reestruturação Produtiva e Suas Repercussões no Setor Industrial do Oeste Paulista

Introdução

No Brasil, nos anos 1990, no Governo Collor a política de abertura econômica, inspirada no neoliberalismo, provocou a desintegração/desarticulação da cadeia produtiva, acarretando na “destruição” de parte significativa da estrutura e do emprego, ao invés de gerá-los. De um lado, houve falências, fusões, aquisições de empresas, privatizações contribuindo para redução dos postos de trabalhos, do outro lado, as empresas passaram a buscar por inovações mais efetivas, estratégias de produtividade e qualidade para fazer frente à concorrência internacional.

Diante dessa situação, as empresas passaram a buscar novos padrões de qualidade, inovações tecnológicas e novas formas gestão da mão-de-obra, ou seja, maior qualificação dos trabalhadores, bem como seu maior envolvimento e compromisso com os interesses da empresa, visando à busca de qualidade e produtividade para torná-las mais competitivas para inserir no mundo globalizado.

Nesse contexto, é nos anos 1990 que a reestruturação se intensifica, com a incorporação de tecnologias organizacionais, gerenciais e industriais, ocasionando alterações nos empregos, no perfil de qualificação dos trabalhadores, na gestão e organização da força de trabalho e também nas relações entre empresas, galvanizando as atenções dos geógrafos, pois é visível a sua repercussão no território com o processo de desconcentração industrial e a formação de “novos espaços industriais”.

O processo de reestruturação produtiva intensifica nos anos 1990 por dois fatores fundamentais: pela crise econômica no mercado interno e pela política de abertura adotada pelo governo Collor. Isto levou as empresas a buscarem inovações mais efetivas, estratégias de produtividade e qualidade para fazer frente à concorrência internacional.

Nessa direção, nos anos 1990, no Brasil, a redução das tarifas de importação forçou as empresas a buscar melhorar a qualidade de seus produtos. A palavra de ordem que se impõe às empresas e a busca de competitividade, da eficiência da gestão, dos serviços e dos produtos.

Segundo Pires (1994,p.13):

O imperativo da competitividade e qualidade também leva a uma maior redução de setores hierárquicos, com mais demissões nas gerências, seguida pela redução de escalões intermediários e atingindo por último os operários de chão de fábrica. Esse processo é precedido, no Brasil, por uma maior combinação dos setores hierárquicos com os operários de chão de fábrica, combinações estas que vêm sendo feitas de forma diferenciada entre empresas, obedecendo às adaptações locais conforme as prioridades de cada uma, articulada com as distintas formas organizacionais.

Se por um lado, o imperativo levou as empresas a buscar modernização, terceirização, organização do trabalho, por outro lado, a abertura econômica atingiu o setor industrial nos anos 1990. Nesse período, o desemprego cresceu, atingindo mais de 20% da PEA (população economicamente ativa), em algumas regiões metropolitanas, aumentou a informalidade e a precarização.

Desse modo, esse processo de reestruturação produtiva teve impactos disruptivos no mundo do trabalho provocando flexibilização e desregulamentação do trabalho, redução do emprego industrial, redução do trabalho com carteira assinada, aumento do trabalho sem carteira assinada e do trabalho temporário, terceirizado e do desemprego.

Lacerda (2001,p. 184) salienta que:

“A abertura da economia brasileira intensificou-se a partir de 1990. O esgotamento do modelo de substituição de importações e a crescente desregulamentação dos mercados internacionais contribuíram para uma reestruturação da economia brasileira, influenciada pela redução das tarifas de importação e eliminação de várias barreiras não-tarifárias”.

Saboia (2001,p.85) ressalta que:

Nos últimos anos, a indústria brasileira passou por grandes transformações, que resultaram em forte queda do emprego. Preocupadas com o aumento da competição resultante da abertura da economia, as empresas industriais procuraram se modernizar, tanto pelo lado organizacional quanto tecnológico. Por outro lado, a guerra fiscal entre os diferentes estados, juntamente com as diferenças salariais existentes no País, provocaram um fluxo de investimentos em direção às mais distintas Regiões, que resultaram em importantes mudanças espaciais da indústria.

Nesse contexto, a título de exemplo, com a abertura econômica, a indústria de calçados foi obrigada a realizar um forte ajuste produtivo. Esse ajuste implicou em fechamento de empresas, na redução de postos de trabalho, na transferência de plantas (em virtude de benefícios fiscais oferecidos pelos estados nordestinos) e na incorporação de novos materiais

ao processo produtivo de calçados (como materiais sintéticos). Além disso, buscaram introduzir melhorias de produtos e de processos, visando atingir o mercado externo.

Esse processo de reestruturação produtiva parece ser mais emblemático em centros industriais já consolidados e regiões metropolitanas, sobretudo em São Paulo, todavia começam ser observados alguns indícios em cidades médias. Para alguns autores, as cidades médias tornam-se espaços alternativos no processo de reestruturação constituindo “novos espaços industriais”, já que essas cidades possuem infra-estrutura para receber as novas indústrias.

Nesse quadro, a abertura comercial atingiu as empresas de capital local, das cidades médias da região Oeste Paulista, essas empresas não conseguindo manter-se no mercado tiveram que fechar seus estabelecimentos, ou se reestruturar e modernizar sua produção ou ainda foram adquiridas por empresas de grande porte ou grupos estrangeiros. Dessa forma, a abertura econômica foi o *leimotiv* para as empresas entrarem num processo de reestruturação.

Este texto tem como objetivo mostrar a repercussão da abertura econômica dos anos 1990 e o processo de reestruturação produtiva e suas implicações para o setor industrial em algumas cidades médias do Oeste Paulista. Essas cidades são: Marília, Presidente Prudente, São José do Rio Preto, Araçatuba e Birigui. As quatro primeiras cidades são sedes das 11ª, 10ª, 8ª e 9ª regiões administrativas do Estado de São Paulo, respectivamente. Elas exercem influência regional, polarizando as cidades mais próximas e têm grande importância no Oeste do Estado. No caso de Birigui, é uma cidade, que forma juntamente com Araçatuba, uma aglomeração urbana não metropolitana, conforme classificação feita por NESUR/UNICAMP, IPEA e IBGE (2001).

Cabe destacar que a indústria do Oeste Paulista guarda suas diferenças em relação à da Metrópole e seu entorno. Nessa região, a indústria nasceu “caipira”, está mais ligada aos fatores endógenos do que exógenos. Contudo, é importante destacar que a presença do capital externo, com a implantação de máquinas de beneficiamento de produtos agrícolas (café, algodão e amendoim) nos anos 1940 e 1950 foi importante para a gênese da industrialização da região.

Com relação à composição do capital atual, observou-se uma grande participação do capital familiar na composição do capital das empresas das cidades médias do Oeste Paulista. Do total de empresas entrevistadas (55 empresas), 45 declararam a origem do capital atual

como familiar (81,81%), sendo distribuídas em 8 micros empresas, 16 pequenas, 15 médias e 6 empresas de grande porte grande.

Além disso, observou-se também que 42 empresas, ou seja, 76% das empresas industriais entrevistadas são de capital local.

Dessa forma, o desenvolvimento da indústria na região Oeste Paulista não está atrelado com o processo de desconcentração industrial da Região Metropolitana de São Paulo a partir dos anos 1970. Nessa região a presença do capital foi e é fundamental para o desenvolvimento da indústria regional.

A Abertura Econômica e suas Implicações para o Setor industrial em Cidades Médias do Oeste Paulista

Nas últimas décadas, a crise econômica e abertura comercial atingiram as empresas de capital local na região Oeste Paulista, essas empresas não conseguindo manter-se no mercado tiveram que fechar seus estabelecimentos, ou se reestruturar e modernizar sua produção ou ainda foram adquiridas por empresas de grande porte ou grupos estrangeiros.

Desse modo, a abertura econômica dos anos 1990 foi decisiva para empresas do Oeste Paulista buscar pela modernização e sua reestruturação. A entrada no mercado brasileiro de produtos asiáticos foi desastrosa para indústria. Diante da concorrência dos preços baratos dos produtos importados foram obrigadas a se lançar no mercado buscando parcerias e novos produtos.

Nessa direção, as empresas passam por reestruturação por duas razões: 1) refere-se à questão de sobrevivência; 2) a necessidade de ampliação de mercado, qualidade de produtos frente à concorrência, desta forma procuram-se ajustar num ambiente de competitividade.

O processo da reestruturação produtiva não atinge todos os lugares, setores, ou empresas com mesmas intensidades. São visíveis algumas características que fazem parte desse processo nas empresas industriais localizadas nas cidades médias.

Em Marília, com a crise da abertura econômica ocorreram várias mudanças tiveram que fechar seus estabelecimentos, ou se reestruturar e modernizar sua produção ou ainda foram adquiridas por empresas de grande porte ou grupos estrangeiros, como por exemplo, a Ailiram adquirida pela Nestlé (Suíça), em 1989 e a Raineri Indústria de Massas Alimentícias foi comprada pela Adria (norte-americana), em 1988, que mais tarde passa para grupo Quaker,

que fecha o estabelecimento em 2002. Com a abertura econômica o grupo sofreu uma queda na sua participação no mercado interno, com a chegada do macarrão importado, fechando a fábrica de Marília; Antártica foi desativada em 2000; a Kobes, empresa de capital japonês, que produzia fio de seda foi desativada, em 1998, por causa da concorrência dos tecidos de seda importados; a Macul, produzia poliéster e foi desativada em 2000, a empresa sofreu a concorrência dos fios importados; a Prada, produzia latas de óleo e foi desativada em 2000; a Adria foi desativada em 1993; a Iguatemy Operacional foi desativada em 2000, em virtude de no final dos anos 1990 ser afetada pela importação de óculos e lentes; Metalurgia Metaljax fecha em 1998, devido à fragilidade financeira e capacidade de gestão de seus proprietários, conforme mostrou Mourão (2002).

A política de abertura econômica dos anos 1990, a partir do Governo Collor afetou o setor calçadista com a importação de calçados da Ásia, uma vez que esses produtos chegavam ao Brasil por preço inferior aos produzidos aqui. Neste sentido, o setor calçadista foi duramente afetado pela concorrência internacional.

Este cenário desencadeou a crise no setor calçadista, provocando queda na produção e diminuição dos empregos. Por outro lado, levou as empresas do setor calçadista a melhorar a produtividade e qualidade de seus produtos para concorrer com os importados. No caso de Birigui, os empresários começam a buscar soluções localmente para tornar os calçados de Birigui mais competitivos para retomar sua participação no mercado interno e também nas exportações.

A supervalorização do real em relação ao dólar contribuiu para o aumento das importações e dificultou as exportações. Isso levou a queda nas vendas e na produção, conseqüentemente afetou o mercado de trabalho. Os primeiros anos do Plano Real foram os piores para o setor calçadista.

Segundo Souza (2003,p. 10):

Essa abertura causou uma queda na produção diária de calçados da indústria de calçados de Birigüi, que em 1989, produzia 138 mil pares/dia e em 1990 produziu 120 mil pares/dia, uma queda de 15%.

A percepção de crise vivida pela indústria de calçados de Birigüi é reforçada pelos dados da RAIS/MTb para o ano de 1989 e 1990. No ano de 1989 os dados apontam para a existência de 12.238 empregos na indústria de calçados de Birigüi, já para o ano de 1990, o número de empregados é de 8.445, uma redução de 3.793 postos de trabalhos ou 31%.

Ainda esse mesmo autor ressalta que:

A indústria de calçados que já vinha sentindo os reflexos negativos da primeira fase liberalizante iniciada no governo Collor teve sua situação agravada com o governo FHC. Em 94, quando começa o plano real, a indústria de calçados de Birigüi empregava 13.634 pessoas e no ano de 1995 esse número cai para 8.923, uma diminuição de 4.711 funcionários, ou seja, 34%¹⁵. (p.11)

Diante dessa situação, as empresas de Birigui passaram a buscar soluções para a crise, criando estratégias e instituições que visavam à competitividade, buscando melhorar seus produtos e inserindo no mercado externo. Sendo assim, a saída para crise foi à inserção no mercado externo a partir do final dos anos 1990, quando o Real sofreu a desvalorização, facilitando as exportações e dificultando as importações.

Os empresários não mediam esforços para elevar a qualidade de seus produtos e a produtividade, investiram em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), em design, na aquisição de máquinas e equipamentos e no treinamento de recursos humanos.

Rizzo (2004, p.12) assevera que:

A abertura da economia, depois de provocar queda da produção e do emprego, trouxe o impacto positivo de forçar o pólo calçadista a melhorar a qualidade e a produtividade, tornando, assim, os calçados de Birigüi mais competitivos, com soluções encontradas localmente, conseguindo retomar o crescimento e recuperar a capacidade de competição da indústria de calçados infantis, tanto no mercado interno como nas exportações que, no início da década de 90, eram irrelevantes.

Com a busca de competitividade e a melhoria da qualidade de seus produtos as indústrias de Birigui passaram a exportar para todo o mundo. Há empresas que atualmente estão exportando em torno de 20%. Isto se deve os fatores endógenos, cooperação entre empresas, instituições locais, enfim ações conjuntas para reforçarem as capacidades competitivas dessas empresas. Nesse quadro, como exemplo de formas de ações conjuntas, foram criados o Programa Empresarial Birigüense pela Qualidade Total, a empresa Pesquisa & Produto e o consórcio de exportação. Acrescenta-se também a participação do SENAI e do Sindicato da Indústria de Calçados.

Corroborando tais afirmações ao realizar um estudo sobre o crescimento das pequenas e médias na região da Terceira Itália. Piore e Sabel (1988) afirma que “[...] a interação entre os agentes locais, com base na cooperação e na concorrência, é que determina os rumos do crescimento local. A flexibilidade desta organização é garantida pela presença de uma rede de pequenas e médias empresas especializadas, dotadas de grande capacidade de inovação”.

Vale destacar que também em Presidente Prudente, Araçatuba e São José do Rio Preto a abertura econômica implicou em transformações no setor industrial forçando as empresas a passar por processo de reestruturação.

No próximo item apresentaremos as transformações industriais ocorridas nas empresas em função da abertura econômica e conseqüentemente do processo de reestruturação produtiva.

Transformações Industriais em Cidades Médias do Oeste Paulista: alguns indícios do processo de reestruturação

A indústria do Oeste Paulista não é formada de grandes empresas, em sua maioria é constituída de pequenas e médias empresas, sobretudo de origem local e familiar. A maior parte das empresas pertence ao grupo de consumo de bens não-duráveis, principalmente, o ramo de alimentos, exceto Birigüi, onde o predomínio é o ramo de calçados.

Quando se fala Interior no Estado de São Paulo, é preciso levar em consideração as diferenças regionais que se apresentam. Algumas regiões apresentaram crescimento na participação da indústria e outras não. É preciso levar em consideração suas temporalidades, pois o desenvolvimento dessas regiões possui tempos e ritmos diferentes.

As transformações industriais também ocorrem com ritmos diferentes nesses lugares. Faz se necessário levar em conta o processo de reestruturação industrial em curso.

A indústria do Oeste Paulista tinha uma estrutura industrial voltada apenas para o mercado local, sobretudo com a abertura econômica na década de 1990, as empresas passaram por reestruturação (patrimonial, produção, trabalho e espaço) buscando a competitividade diante da concorrência. Hoje elas buscam novos mercados, atender novas demandas exigentes de qualidade. Estão inserindo políticas de recursos humanos, com qualificação, requalificação dos trabalhadores e novas formas de gestão do trabalho.

Como já salientamos anteriormente, a reestruturação nessas empresas deve-se à sobrevivência e a necessidade de ampliação de mercado, seja nacional ou internacional, buscando assim a qualidade de produtos, a produtividade e a competitividade.

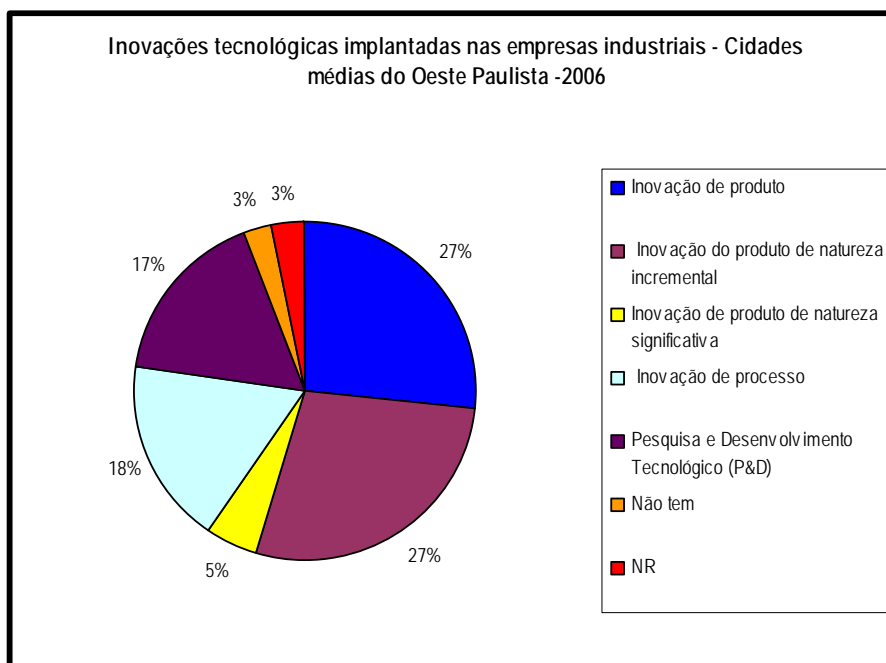
A necessidade de inovação está sendo cada vez mais necessária para que a empresa possa permanecer no mercado ou ampliá-lo. Esta necessidade de inovação acaba sendo uma

condição *sine qua non* de permanência no mercado a partir dos anos 1990. Para tornar mais competitivas as empresas buscam inovação seja de processo ou de produto.

O processo da reestruturação produtiva não atinge todos os lugares, setores, ou empresas com mesmas intensidades e ritmos. Nas cidades médias do Oeste Paulista, particularmente nas empresas industriais são visíveis algumas características decorrentes desse processo, conforme apresentamos a seguir, observadas nas 55 empresas industriais pesquisadas.

Com relação aos tipos de inovações implantados pelas empresas pesquisadas nas cidades médias do Oeste Paulista, verificou-se que 49 empresas, ou seja, 89,09% implantaram algum tipo de inovação. Essa participação é maior nas empresas de porte médio e grande. Do total de empresas entrevistadas, 27% tiveram inovação de produto; 27% declararam que tiveram inovação de produto de natureza incremental; 18% das empresas declararam que tiveram inovação de processo; 17% afirmaram que tiveram inovação de P&D; 5% das empresas implementaram inovação de produto de natureza significativa; 3% declararam que não teve nenhum tipo de inovação tecnológica e 3% não respondeu, conforme podemos visualizar no gráfico 1.

Gráfico 01



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005-2006
Org. Maria Terezinha Serafim Gomes

Além da implementação de inovações tecnológicas, seja de produto ou de processo, observaram-se nas empresas indústrias no que tange à organização e gestão da produção, alguns métodos e técnicas tais como: manutenção produtiva total; *Just in time*; Kanban; Kaizen; mudanças no *layout* das plantas (mini-fábricas, células de produção); programas de qualidade (gestão de qualidade total e auditoria de qualidade); utilização do CEP (Controle Estatístico de Processo); utilização de CLP (Controladores Lógico Programáveis); utilização dos sistemas CAD/CAM, CAD/CAE (CAD - Computer-Aided Design (Projeto Auxiliado por Computador/ CAM - Computer-Aided Manufacturing (Fabricação Auxiliada por Computador) Computer-Aided Engineering (Engenharia Auxiliada por Computador) e analisadores digitais; implementação da certificação da série de normas de qualidade ISO 9000; controle integrado de processo; desverticalização da produção; implementação de práticas para redução de custos e produção flexível e sem estoques e divisão territorial entre produção e gestão.

Quanto às novas formas de gestão e organização do trabalho observaram-se as seguintes práticas: polivalência, múltiplas tarefas; ênfase na co-responsabilidade de trabalhadores; introdução de trabalho em equipe; maior qualificação, maior escolaridade; aprendizagem no trabalho; maior treinamento; terceirização; gestão participativa; utilização dos Círculos de Controle de Qualidade e redução de cargos hierárquicos.

Outro aspecto observado nas empresas industriais é a criação de parcerias com fornecedores; terceirização da produção, de componentes e outras atividades de apoio ligadas à produção, como manutenção, ferramentaria, projeto (projeto de engenharia, ensaios de produtos, análise de qualidade e P&D); terceirização de outras atividades não ligada à produção, como segurança, transporte, contabilidade, alimentação, treinamento de recursos humanos, comercialização, informática, assistência técnica.

Nesse quadro, no cenário atual da reestruturação produtiva, a empresa focaliza produção de produtos e tarefas de maior rentabilidade, maior competitividade e terceiriza as atividades consideradas secundárias. Isso leva a introdução de uma nova forma de segmentação de força de trabalho, dividido entre aqueles os trabalhadores que possuem os direitos trabalhistas e os que não possuem.

Com as transformações industriais resultantes do processo de reestruturação algumas empresas buscaram melhorar a qualidade de seus produtos e passaram a exportar para países do Mercosul, América Latina, Estados Unidos, Canadá, Europa, sobretudo Portugal, África, Ásia e Nova Zelândia.

Desse modo, as indústrias exportadoras são as que mais passaram a implementar estratégias de modernização mais sistêmica, aperfeiçoar e implantar novas tecnologias de gerenciamento e organização da produção com a expectativa de obter ganhos, eficiência e qualidade dos produtos.

Vale destacar que essas características não foram observadas em todas as empresas. A incorporação de inovações tecnológicas, métodos e técnicas diferem segundo o porte da empresa, sendo maior nas grandes empresas, nas naquelas que exportam seus produtos e também nas empresas que foram instaladas recentemente. Algumas pequenas empresas, ainda resistem a essas mudanças e a incorporação ao mundo globalizado, apresentando características fordistas/tayloristas. Nesse aspecto, os ritmos de implementação de inovações das empresas não têm as mesmas temporalidades, segundo o porte.

Essas mudanças resultantes do processo de reestruturação produtiva observada no local, ainda que marcadas por especificidades, expressam uma relação entre o local e outras escalas geográficas mais amplas. Dessa forma, essas mudanças contêm elementos resultantes do processo de reestruturação produtiva num escala mundial e, também, num escala nacional e até mesmo local.

Nesse contexto, é importante destacar que, apesar dessas mudanças que fazem parte da reestruturação produtiva, nas empresas há coexistência entre o “novo” e “velho”, ou seja, possuem características tayloristas/fordistas e flexíveis.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Giovani. *O Novo (e Precário) Mundo do Trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2000, 365 p.
- ANTUNES, Ricardo. Anotações sobre o capitalismo recente e a reestruturação produtiva no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria A. Moraes (Org). *O avesso ao trabalho*. São Paulo: Expressão Popular. 2004, p.13-28.
- BENKO, Georges. *Economia, espaço, globalização na aurora do século XXI*. São Paulo: Hucitec, 1996, 266 p.
- BODDY, Martin. Reestruturação industrial, pós-fordismo e novos espaços industriais: uma crítica. In: VALLADARES, Lícia; PRETECEILLE, Edmond (Coord.). *Reestruturação Urbana: Tendências e Desafios*. São Paulo: Nobel-IUPERJ, 1990, p.44-58.

- CAIADO, Aurílio S. Costa. Globalização, reestruturação e desenvolvimento regional: novos requisitos para a localização industrial - o caso de São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: SEADE, v.10, n.2, p.54-59, abr./jun., 1996.
- CARLEIAL, L.; VALLE, R (Orgs). *Reestruturação Produtiva e o Mercado de Trabalho no Brasil*. São Paulo: Hucitec/ABET, 1997,507p.
- CASTRO, Nádía A. Modernização e trabalho no complexo automotivo brasileiro: reestruturação industrial ou japonização de ocasião? *Novos Estudos CEBRAP*. n. 37, 1993, p.17-49.
- GOMES, Maria Terezinha Serafim. *A dinâmica do mercado de trabalho formal: uma análise do setor industrial em Presidente Prudente-SP*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista, 2001.
- GOTTDIENER, M. A teoria da crise e a reestruturação socioespacial: o caso dos Estados Unidos. In: VALLADARES, L; PRETECEILLE, E. (Coord.). *Reestruturação urbana: tendências e desafios*. São Paulo: Nobel/Iuperj, 1991, p.59-78.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992, 349 p.
- INSTITUTO DE PESQUISA E ECONOMIA APLICADA. *Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: configurações atuais e tendências da rede urbana*. Brasília: IPEA/IBGE/NESUR, 2001, 396 p.
- LACERDA, Antonio Corrêa de. *Impacto da globalização na economia Brasileira*. São Paulo: Contexto, 1998.
- LEITE, Marcia. Paula. Reestruturação produtiva, novas tecnologias e novas formas de gestão da mão-de-obra. In: Oliveira, C A B e et al (Org) *O mundo do trabalho - crise e mudança no final do século*. Campinas: Scritta, 1994, p.563-587.
- LENCIONI, Sandra. Reestruturação: uma noção fundamental para o estudos transformações e dinâmicas metropolitanas. In: VI ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. *Anais*. Buenos Aires, 1998. 1 CD ROM
- LIPIETZ, A .; LEBORGNE, D. O pós-fordismo e seu espaço. *Espaço e Debates*. São Paulo: NERU, n. 25, p. 12-29, 1988.
- MATUSHIMA, Marcos Kazuo. *A formação de um eixo de desenvolvimento entre os municípios de São José do Rio Preto e Mirassol-SP*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista, 2001, 183p.

- MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. *A industrialização do Oeste Paulista: o caso de Marília*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista, 1994.
- MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. *Reestruturação produtiva da indústria e desenvolvimento regional: a Região de Marília*. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2002, 182p.
- NEGRI, Barjas; PACHECO, Carlos A. Mudança tecnológica e desenvolvimento regional nos anos 90: a nova dimensão espacial da indústria paulista. *Espaço e Debates*. São Paulo: NERU, n. 38, p.62-83,1994.
- SABOIA, J. Descentralização industrial no Brasil na década de noventa: um processo dinâmico diferenciado regionalmente. *Nova Economia*, Belo Horizonte, v.11, n.2, p.85-121, dez., 2001,
- OLIVEIRA, Floriano José Goudinho. *Reestruturação Produtiva e regionalização da economia no território fluminense*. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003, 219 p.
- PACHECO, Carlos Américo. Novos Padrões de Localização Industrial? Tendências Recentes dos Indicadores da Produção e do Investimento Industrial. *Textos para discussão*. n. 633. Brasília: IPEA, mar.1999.
- PIRES, Elson L. S. Mercado de trabalho e reestruturação produtiva na indústria: o Brasil no limiar do século XXI. *Travessia*. São Paulo: CEM, n.18, ano VII, p. 10-14, 1994.
- RIZZO, Marçal Rogério. *A indústria de calçados infantis de Birigui*. Dissertação (mestrado em Economia Social e do Trabalho). Instituto de Economia. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004, 169 p.
- SALERNO, Mario Sérgio. Reestruturação Industrial e Novos Padrões de Produção. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: SEADE, v.6,n.3, p.100-108, 1992.
- SILVA, Agda Márcia. *Indústria e mudanças tecnológicas: considerações sobre a Décima Região Administrativa de Presidente Prudente/SP*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2002.
- SOUZA, Marco Aurélio Barbosa. *Indústria calçadista de Birigui (1958-2001): um caso de aglomeração industrial*. Disponível em: www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_42.pdf. Acesso 13 fev. 2005.

TUNES, Regina Helena. *Da desconcentração à reconcentração industrial: a análise da relação entre a dinâmica do espaço e a dinâmica dos ramos industriais no município de São Paulo no final do século XX*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 2004, 177p.